
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**FRANCISCA VALDERLANIA RODRIGUES
PEREIRA**

**INFÂNCIA E IMAGEM: CONCEPÇÕES SOBRE
IMAGENS DE CRIANÇAS NO “FACEBOOK”.**



Rio Claro
2015

FRANCISCA VALDERLANIA RODRIGUES PEREIRA

INFÂNCIA E IMAGEM: CONCEPÇÕES SOBRE IMAGENS DE
CRIANÇAS NO “FACEBOOK”.

Orientador: Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2015

155.4 Pereira, Francisca Valderlania Rodrigues
P436i Infância e imagem : concepções sobre imagens de
crianças no "facebook" / Francisca Valderlania Rodrigues
Pereira. - Rio Claro, 2015
31 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Psicologia infantil. 2. Infância. 3. Imagem. 4. Facebook.
I. Título.

Dedico este trabalho a minha querida mãe Glauba, única parceira dos momentos amargos e doces e que vive em um mundo cheio de possibilidades, assim como os pequenos que pude conhecer ao longo da minha formação.

Dedico também as minhas duas gatas de estimação, cuja honestidade emocional não se encontra em muitos seres humanos e a liberdade em que vivem muito me encanta.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a Deus, pai e criador do mundo que conheci este ano por intermédio de um anjo.

Agradeço as minhas amigas Jacqueline e Carla que pude conviver por pouco tempo na Unesp do campus de Marília, mas que me acolheram com muito amor.

Agradeço as minhas amigas Daiane, Marcela e Marília que dividiram comigo a melhor fase da minha vida, a infância.

Agradeço a minha mãe pela paciência, amor e exemplo de vida que procuro seguir e me espelhar todos os dias.

Agradeço aos professores da Unesp, que foram a base para meu crescimento intelectual.

Agradeço a Márcia, outro anjo que me ajudou a mudar o meu destino neste mundo.

Agradeço aos profissionais educadores que tive o prazer de conhecer durante os meus estágios e em quem muito me inspiro.

Agradeço aos meus alunos, crianças amáveis e cuja descrição não caberia em uma folha.

Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixa os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. (MATEUS, 19: 13-14).

RESUMO.

Neste trabalho de conclusão de curso pretende-se inicialmente traçar um breve histórico sobre a infância, observando como sua concepção foi se modificando ao longo dos tempos até chegar à atualidade, em seguida, será contextualizada a infância e sua relação com a imagem, ou seja, como esta é narrada a partir de imagens e frases vinculadas a elas compartilhadas diariamente em uma rede social de comunicação acessada em todo o mundo, o “Facebook”. Buscou-se identificar o modo que essas imagens nos apresentam a infância atualmente, tendo em vista a existência de uma dominação Estética sobre as pessoas, que no sentido filosófico do termo significa “aquilo que afeta os sentidos”, sendo assim, concluiu-se que pelas imagens podem-se produzir emoções Estéticas, já não basta utilizar as crianças para atrair o consumo, mas agora é possível vender modos de viver, modos de ver e moldar a infância. Para isso foi feito uma coleta de materiais nesta web site, e para dar suporte teórico ao trabalho também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, usando para o embasamento da pesquisa as teorias dos pensadores Walter Benjamin, Foucault, Phillipe Ariès, René Schérer.

Palavras-Chave: Infância. Imagem. Facebook.

ABSTRACT.

In this course conclusion work intends to initially trace a brief history of childhood, watching as their design has been changing over time until you get to today, then it will be contextualized childhood and his relationship with the image, ie as this is narrated from images and phrases linked to them shared daily on a social network of communication accessed around the world, "Facebook". Seek to identify the way that these images have in childhood now, in view of the existence of a Aesthetics domination over people, in the philosophical sense of the word means "that which affects the senses", so the images can be produced Aesthetic emotions: ways of being, acting and feeling. For this will be a collection of materials on this web site, and to give theoretical support to work a literature will also be held, using for the basement of research, the theories of thinkers Walter Benjamin, Foucault, Philippe Aries, René Schérer.

Keywords: Childhood. Image. Facebook.

SUMÁRIO.

1.	INTRODUÇÃO.....	07
2.	CAPITULO I: A INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA.....	11
	2.1. Breve histórico das transformações ocorridas em torno da infância.....	11
3.	CAPITULO II: A REDE SOCIAL FACEBOOK NA SOCIEDADE.....	17
	3.1. O Facebook: “livro de caras”.....	17
4.	CAPITULO III: CULTURA DA IMAGEM DA CRIANÇA NA ATUALIDADE.....	21
	4.1 A inserção da infância na rede social Facebook.....	21
5.	CAPITULO IV:	
5.	CONCLUSÃO.....	27
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	29

INTRODUÇÃO.

O termo infância que será tratado neste trabalho se refere aos primeiros anos de vida dos seres humanos. Veremos que ao longo do tempo, a infância tinha uma concepção diferente de acordo com a situação econômica, política e social do meio, desse modo, é observado que na contemporaneidade existe uma maior notoriedade direcionada a esta fase da vida e como resultado disto, o sentimento da infância construído é narrado pela dominação Estética das coisas.

No primeiro capítulo do trabalhado haverá um breve histórico de como a infância foi concebida ao longo dos tempos. Inicialmente, a consciência da infância na antiguidade estava envolta a questões políticas, coincidindo-se com a criação do primeiro sistema filosófico de Platão e o seu ideal de Paidéia justa, a infância consistia nesse projeto de mudanças como um material para investimento do adulto, pois esta deveria ser educada para se tornar um cidadão com características adequadas, garantindo um Estado justo e organizado. Neste período da história o termo infância ainda não existia.

De acordo com Kohan (2005), Platão afirmava que a criança necessitava de educação e disciplina, seus conceitos sobre o que seria este período da vida influenciou outro pensador de uma época à sua frente. Santo Agostinho, teólogo e/ou filósofo da Idade Média seguia os conceitos atribuídos por Platão sobre a infância como uma fase de irracionalidade, ou seja, as crianças são incapazes de pensar e agir sozinhas, tendo que haver a constante presença e apoio de um adulto.

Pode-se observar em Santo Agostinho a ligação que este faz da criança com a tendência a prática do mal, como por exemplo, a inveja por parte da criança para com outros, isso tudo devido à essência irracional da criança.

Nos estudos de Áries (1975) a sociedade medieval não possuía o mesmo apego que a sociedade moderna possui pela criança, pois naquela época a sobrevivência era algo que quase nunca ocorria e a morte das crianças acabava por se tornar um acontecimento natural da vida em decorrência das doenças que se instaurava na sociedade.

Já o século XVIII se tornou o marco principal do desenvolvimento do sentimento da infância, pois havia ocorrido uma grande melhora na queda da mortalidade infantil, agora surgia um interesse na infância por parte da burguesia e da indústria moderna com questões relacionadas ao comportamento das crianças.

Além disso, no século XVIII, o Iluminismo também influenciou uma concepção de infância, deixando evidente a atribuição do responsável na educação e na disciplina da criança.

Nesse período, Rousseau (1995) escreveu a obra *Emílio, ou da educação*, importante instrumento de pesquisa e análise teóricas nos dias de hoje. Esta obra consiste na elaboração de um modelo de educação para as crianças com o propósito de torná-las futuros cidadãos de bem para viver em sociedade, ele também realizou uma crítica a educação tradicional que reproduziam as ações fúteis dos adultos.

O segundo capítulo constará do surgimento da rede social Facebook que ganhou fama e notoriedade com a sua divulgação e gratuidade para todo o mundo e que através das suas inovadas ferramentas de acesso promove a divulgação de variadas informações em um curto prazo de tempo.

Houve também a abordagem a respeito dos efeitos que esta mídia trás a sociedade, na medida em que possibilita o contato com múltiplas opiniões e visões de mundo, e por divulgar imagens que possibilitam inúmeras interpretações.

Segundo os estudos de Ferreira (2013, p.47), em 4 de fevereiro de 2004 foi lançada a rede social chamada de The Facebook, seu principal criador foi o estudante Mark Zuckerberg do curso de Ciências da Computação da universidade de Harvard nos E.U.A.

A princípio essa rede social era restrita apenas aos estudantes da universidade e mesmo havendo a presença de outras redes, estas não tinham a mesma eficiência que o The Facebook; tempos depois foi mudada a sua nomenclatura que passou a ser chamado de apenas Facebook, em português significa: “livro de caras”, devido seu sucesso no meio universitário, outras instituições superiores solicitaram a entrada na rede, e assim diversos acadêmicos começaram a fazer parte dessa novidade.

O Facebook dispõe de diversas mídias interativas para o usuário: ele poderá adicionar amigos e manter contato com eles através do bate-papo, postar imagens (fotos), vídeos, criar eventos, navegar em outros perfis, realizar comentários e etc.

O terceiro capítulo trata do surgimento de uma concepção da infância por meio das imagens de crianças divulgadas no Facebook. Assim, as imagens das crianças em determinadas situações cotidianas: imitando adultos com relação à postura, vestimenta, profissões, preocupações, ou imagens em que crianças se colocam em situações engraçadas ou tristes e etc, é possível a indução de determinados tipos de sentimentos nos usuários do site, sentimentos estes, que os levam a pensar a infância da maneira que a sociedade almeja e planeja, traçando caminhos para ela e descrevendo-a.

Tendo em vista que estamos em um mundo altamente tecnológico, onde as informações são vinculadas em tempo real, utilizar essas imagens contendo crianças em situações carregadas de sentidos é ignorar a subjetividade da criança, pois o mundo criado pelas crianças não pode ser interpretado como algo imutável ou previsto, como veremos. “As esferas de produção de sentido entre adulto e criança vai além da escola e família, passa pela televisão e internet.” (LEITE, 2010, p.55).

CAPÍTULO I: AS TRANSFORMAÇÕES DA INFÂNCIA.

Breve histórico de como a infância foi concebida ao longo dos tempos.

Para uma reflexão sobre qual é o conceito que se tem da infância na atualidade é preciso inicialmente à realização de uma investigação histórica pela qual essa categoria tão cativante passou ao longo dos tempos.

Os acontecimentos importantes de cunho político, econômico e social que marcaram a sociedade em diversos contextos possuem grande influência na construção do que chamamos de infância hoje, visto que as práticas diárias direcionadas as crianças criam maneiras padronizadas de como ver, agir e pensar a infância. “[...] Os modos de conceber a infância estão diretamente relacionados aos modos de lidar com a criança, e esses por sua vez acabam indicando formas de pensar e refletir a infância” (LEITE, 2011, p.28).

Um exemplo disso foi que por meio desses eventos surgiram teorias que muitas vezes colocou a infância como uma fase da vida inferior as demais. Mas antes de caminharmos por esse contexto histórico é preciso esclarecer melhor a questão sobre a relação criança/infância, pois estas serão citadas em vários momentos no decorrer deste texto.

De acordo com a autora Gagnebin (1997, p.87) “[...] a palavra infância não remete primeiro a certa idade, mas sim aquilo que caracteriza o início da vida humana: a incapacidade, mais a ausência de fala”.

Sendo assim, por não ser dotada de linguagem ou fala articulada, a criança é colocada como o sujeito principal do período denominado de infância. A infância é, portanto, um sentimento que se tem sobre as crianças e que é determinada pela visão do adulto. Entretanto, essa questão poderia ser investigada com mais cautela em outra oportunidade, visto que a infância é um sentimento, então ela poderia ser vivida por qualquer um, não apenas pelas crianças.

Assim, recorrendo à história, é possível observar as diversas variações de discursos, ideais e expectativas para com a infância que embasaram estudos de teóricos da antiguidade, idade média, até aos dias atuais. Vale à pena ressaltar que esses estudos ganharam a visão e o sentimento do adulto sobre a questão da infância, com o principal objetivo de descrevê-la para produzir sentidos sobre a mesma e conseqüentemente projetar um padrão de vida nos indivíduos.

Diz-se que a consciência da infância surgiu juntamente com a criação do primeiro sistema filosófico de Platão e o seu ideal de Paidéia justa. Nesse contexto, a infância estava em meio à necessidade de uma reforma de espírito para a sociedade e com isso se tornou fonte de preocupação nos estudos deste filósofo.

A visão platônica da infância se enquadra, então, em uma análise educativa com intencionalidades políticas. Platão não faz da infância um objeto de estudo em si mesmo relevante. [...] A infância é um problema filosoficamente relevante enquanto se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a *pólis* atual se aproxime o mais possível da normatizada. (KOHAN, 2003, p.28).

O modelo educacional proposto por Platão afetaria diretamente as crianças cabendo ao Estado educá-las, instruindo e modelando suas almas e seus corpos para a garantia da construção de um Estado justo.

Mesmo com certa importância dada a essa fase, não significava que as crianças estavam em um campo singular de estudo, pois a própria palavra infância não existia; a palavra Paidéia referia-se a ela.

Nos estudos das principais obras de Platão, Kohan (2005) destaca a visão dada à infância quanto a sua natureza, onde esta era tida como uma fase de incompletude, sem forma, e vazia, mas que poderia ser moldada através da educação. O autor também evidencia positivamente, de acordo com o pensamento do filósofo Platão, a questão da potência de inteligência que as crianças possuem, mas há também a inferiorização da infância em relação aos homens adultos, pois esta é inquieta e impetuosa, diferentemente da harmonia que o adulto adquiriu.

Assim, apesar de possuir potência a criança precisava de um direcionamento e de um preceptor que a disciplinasse para seguir um caminho reto. “Em suma, nos diferentes sentidos e capacidades físicas e intelectuais que, para Platão, constituem uma pessoa, ele considera a criança inferior ao homem adulto, cidadão de Atenas [...]” (KOHAN, 2005, p.48).

Devido à filosofia de Platão criada em meio a questões políticas características de uma época, a infância consistia nesse projeto de mudanças como um material para investimento, com um objetivo específico e em nenhum momento essa finalidade desrespeitava a própria criança como sendo algo exclusivo, com características próprias, tendo em vista que esta não tinha nenhuma relevância para a sociedade ateniense a não ser quando era pega como base para construção de um ideal político e adulto.

Apesar do aspecto marcante da filosofia de Platão, por meio dos seus pensamentos deu-se início a uma primeira visão sobre a infância mesmo em segundo plano, direcionando pensamentos e opiniões no decorrer dos tempos e também marcando a Filosofia da Educação da nossa época.

Passando para outro contexto, as condições demográficas da sociedade medieval afetaram a imagem que se tinha da infância naquela época - infância aqui, referida também aos primeiros anos de vida dos seres humanos -, pois em um mundo onde a sobrevivência era difícil, a mortalidade infantil era considerada algo inevitável e natural.

Não havia o apego sentimental com as crianças da mesma forma que se tem hoje, pois os adultos já esperavam pela morte dos pequenos devido a suas fragilidades, e se sobrevivessem não eram guardadas lembranças dessa época difícil, de imediato passavam a ser inseridas na vida adulta; vestindo-se como eles, pois agora estavam no mesmo lugar que eles.

A princípio, a criança era retratada nas obras de artes fisicamente iguais aos adultos, apenas em um tamanho diferente, seja em pinturas, esculturas ou ilustrações. O tratamento dado a elas também não continha qualquer distinção, pois não se havia consciência das particularidades da criança.

O pensamento do teólogo e filósofo da idade média Santo Agostinho, tem como característica uma visão que concebe a infância como uma fase do pecado, com natureza animalesca, egoísta e primitiva.

Na obra *Confissões*, escrita por Santo Agostinho por volta dos anos 397 e 998, o mesmo relata a sua própria experiência pessoal no decorrer da infância, lamentando-se para Deus sobre seus pecados cometidos nesse período da vida que não se lembra, mas que deduz, observando as demais crianças da sua época. “Assim, debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças. Vi e observei uma, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho de leite” (AGOSTINHO, 1987, p.30).

Santo Agostinho teve em parte influências do filósofo Platão que via a criança como um ser irracional, ou seja, incapaz de pensar e agir sozinho e que necessitava de disciplina e educação para se tornar uma pessoa de bem.

No pensamento medieval, as idéias e concepções sobre a infância originadas em Platão e seguidas por santo Agostinho irão conceber a infância como um estado primitivo e animalesco do ser humano. A criança é considerada dotada de tendências selvagens, com disponibilidades para o mal em virtude da ausência da razão (ANDRADE, 2010, p.68).

Outro fato importante desse mesmo período é a questão da idade, pois esta representação era abstrata, geralmente utilizavam-se da natureza para designá-la. Os estudos de Áries (1975) mostram que a princípio, a definição da idade das crianças daquela sociedade era incerta, com o tempo os párocos da França criaram os registros paroquiais, sendo necessário o registro da data de nascimento das pessoas com mais condições sociais, mas mesmo assim a sociedade demorou em acatar esse costume.

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras (...) (ARIÈS, 1975, p.6).

Mas diferente do modelo educacional de Platão para sua época, nesse período histórico caberia a família educar as crianças, surgindo assim, uma mudança na visão dada as crianças que ganharam dois sentimentos voltados para elas: o sentimento da criança “engraçadinha” que agora era fonte de distração e relaxamento dos adultos, e o sentimento de apego sobre elas, que via a necessidade de discipliná-las e educá-las; de acordo com Ariès (1975).

Esse progresso da infância se iniciou por volta do século XVII, pois nesse período elas já não morriam tanto como antes, devido à melhora nas condições de vida das pessoas e as mudanças tecnológicas e industriais. Todas essas transformações garantiram uma maior preocupação com os cuidados das crianças, que começaram a ganhar lugar no mundo, vindas principalmente pelo intermédio da igreja.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados, uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 1975, p.25).

Já com a infância em maior notoriedade, as famílias começaram a dar importância aos registros de imagens de crianças; se fizermos uma ponte com os dias atuais veremos o quanto essa sociedade já havia progredido e talvez nem imaginassem como seria os tempos modernos atuais em que a criança é uma figura bastante notada pela mídia e principalmente pelas redes sociais.

A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrario, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 1992, p.19).

Assim, podemos dizer que não existe uma data determinada que indique o surgimento do sentimento da infância, mas considera-se como marco principal do seu desenvolvimento o século XVIII que através da burguesia e da indústria moderna fizeram emergir uma curiosidade sobre o comportamento da criança que anteriormente não existia, pois adultos e crianças se misturavam.

Por volta do século XVIII surgiu na Europa o movimento chamado de iluminismo, nesse período houve muitas transformações sociais, políticas e culturais, desenvolvidas em meio a lutas revolucionárias que reivindicavam a liberdade e igualdade entre os indivíduos e também condenavam a censura.

A infância, como, tal, começa a ocupar um campo social bem delimitado que impõe, aos responsáveis por essa faixa etaria, o que devem, ou não, dizer ou fazer. [...] o sistema da infância afeta, em breve, todas as classes, confissões religiosas e convicções -, ela torna-se instruída e é impregnada pelo espírito da *Aufklärung* (SHÈRER, 2009, p.18).

O conceito de infância foi mais difundido nessa época com as pesquisas de alguns estudiosos, entre eles Jean Jaques Rousseau (1995) que procurou mudar as expectativas se que tinha das crianças, criando uma visão mais racional delas.

Na obra Emílio, ou da educação, cria uma maneira que de acordo com ele, é a forma mais adequada de se educar uma criança para torná-la um bom cidadão para viver em sociedade. Nesse modelo de educação Rousseau critica a educação tradicional que se

preocupa apenas com o acúmulo de informações sem pensar na moralidade e conhecimento próprio de cada indivíduo.

O acúmulo de informações desprovidas de uma experiência, o conhecimento intelectual separado do conhecimento de si mesmo e dos outros, o culto aos heróis e à competição produzem uma criança precocemente inserida no mundo das convenções, uma criança que quer entrar rapidamente no mundo dos adultos sem ter sido criança. (BATISTA, 2011, p.780).

Rousseau (1995) critica também a visão tradicional e artificial que se tem das crianças, preocupa-se com o que é ensinado a elas, pois esta poderia reproduzir as ações fúteis dos adultos que nem ao menos compreende. Deixando de lado as inúmeras críticas relacionadas à sua teoria, seus estudos ganharam grande importância para o campo da pedagogia, tornando-se um tratado da filosofia da educação.

Desse modo, vimos que em cada época da vida mudam-se a maneira de conceber a infância, procura-se descobrir o que é mais adequado ou não para as crianças, porém todas as descobertas e estudos realizados não se apagam, são carregadas na história junto às mudanças políticas, econômicas e sociais da sociedade.

Hoje em dia há inúmeros estudiosos que procuram encontrar uma resposta para o que é o fenômeno da infância e de maneira equivocada postulam formas de moldá-las, deixando de lado suas subjetividades, o objetivo maior é tirá-las do seu mundo único para inseri-las no dos adultos, isso ocorre de diversas maneiras, entre elas os dispositivos de controle, como as redes sociais, mais especificamente falando, o Facebook (livro de caras), que através de imagens de crianças compartilhadas, concebem uma maneira de ver a infância atualmente que por sua vez regula a forma de ser, agir e sentir a própria.

CAPÍTULO II: O EFEITO DO FACEBOOK NA SOCIEDADE.

O surgimento do Facebook e a utilidade das suas ferramentas.

Bem Mezrich (2009) escreveu o livro “Bilionários por acaso: Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição”, onde conta como se deu a criação do Facebook; nesse romance ele coloca o principal criador da rede social, como um jovem gênio da computação tímido e mal sucedido com as mulheres que acabou traindo seus melhores amigos que o ajudaram a descobrir o site que revolucionou a maneira que as pessoas se comunicam e que também o deixou milionário.

Não é possível afirmar a realidade de todos os fatos, mas para escrever o livro o autor diz ter reunido muitas fontes, como: documentos, entrevistas com os personagens deste fato, cópias de processos judiciais e etc; o livro também influenciou a criação do filme A rede social de David Fincher lançado em 2010 e que foi um grande sucesso de público.

O fato é que essa história tornou-se mundialmente conhecida e diversos estudos foram feitos sobre a descoberta do Facebook e seu impacto na sociedade contemporânea, como: quais as vantagens do uso da ferramenta digital e quais as desvantagens, ou até o modo como afeta a mente das pessoas em relação à vida das mesmas.

Ferreira (2013, p.47) relata também algumas informações sobre o surgimento do Facebook: segundo ele, em 4 de fevereiro de 2004 foi lançada a rede social que a princípio se chamava The Facebook, seu principal criador foi o estudante Mark Zuckerberg do curso de Ciências da Computação da universidade de Harvard nos E.U.A.

Tempos depois o The Facebook passou a ser chamado de apenas Facebook que em português significa “livro de caras”, a princípio essa rede social era restrita apenas aos estudantes da universidade de Harvard, mas havia também a existência de outras redes de comunicação, porém apresentavam algumas falhas técnicas.

Devido o sucesso do Facebook no meio universitário, outras instituições superiores se interessaram pela novidade e de imediato solicitaram a entrada para o sistema também, e assim a rede social passou a ganhar fama cada vez mais, aumentando em grande número os seus usuários, visto que se tratava de um site que garantia muitas possibilidades e praticidade com o uso dos seus recursos. Anos depois, esse sucesso passou a abranger também o público não estudante e outros países além dos E.U.A.

Segundo dado divulgado pela empresa à Revista Veja14, em maio de 2013 o Facebook alcançou 73 milhões de usuários no Brasil, enquanto a última pesquisa publicada pelo IBOPE 15 em dezembro de 2012 revelou que o país possui 94 milhões de pessoas com acesso à internet (considerando uma população de 193,9 milhões de pessoas, segundo estimativa do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (FERREIRA, 2013, p.49).

Antes de falar sobre as diversas ferramentas que o Facebook possibilita aos seus usuários, é necessário o esclarecimento sobre o que se caracteriza uma rede social na atualidade.

De acordo com Silva (2010 apud BOYD, ELLISON, 2007, p.2) a rede social é definida como um serviço baseado na internet, que permite aos indivíduos construir um perfil público ou semi-público, dentro de um sistema delimitado, articular uma lista de outros usuários com quem compartilham a conexão e ver e recorrer a sua lista de conexões e as outras que estejam dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de um lugar a outro.

Como foi falado anteriormente, o Facebook possui muitas possibilidades de recursos e por isso também se consagrou como o mais utilizado pelas pessoas, além de ser gratuito; entre esses recursos está: o perfil pessoal que solicita a postagem de uma foto pequena e outra com dimensão maior para compor a capa da linha do tempo, depois são necessárias algumas informações do usuário, como: nome, sobrenome, celular, localidade, trabalho, status de relacionamento, preferência política, religião e etc. Todas essas informações podem ser privadas havendo a opção na configuração: somente amigos, somente amigo de amigo, somente eu, e público.

A linha do tempo é uma caixa de diálogo destinada a postagens de vídeos, imagens e frases, e pode ser atualizada a qualquer momento pelo usuário da conta, essas informações estão disponíveis no Feed de notícias dos amigos adicionados e também as notificações relacionadas às páginas que foram “curtidas” (que o usuário gostou) ou comentadas. Os amigos dos amigos deste usuário também poderão receber essas informações nos seus Feed de notícias, dependendo da configuração de privacidade escolhida.

Depois dessa primeira etapa, o usuário do Facebook escolherá ainda os itens de sua preferência para compor a página, como: programas de TV favoritos, filmes, músicas, livros, seguir FanPages de pessoas públicas (que são páginas especiais destinadas a essas pessoas) entre outros; essas informações também podem ser privadas ou não.

A rede social garante ainda, a realização de conversas de bate-papo entre os amigos que foram adicionados a página, podendo ser grupal ou individual, e também a possibilidade da criação de eventos com horário e localidade para tal, e divulgação de anúncios e publicações transmitidas através das FanPages.

Assim sendo, nota-se que por meio desse dinamismo oferecido pelo Facebook, qualquer tipo de informação postada nele poderá garantir a visualização, conexão e interação de milhares de pessoas no mundo todo, podendo incluir tanto aquelas pessoas que já estão inseridas na rede, como também aquelas que ainda não aderiram à novidade, mas que ficam sabendo do que se passa nela através dos comentários e ou ações decorrentes daquilo que foi transmitido.

Um fenômeno interessante observado quando se pesquisa algo popularmente difundido na sociedade como o Facebook, é a situação daqueles indivíduos que ainda não são usuários da rede social por algum motivo, nesse caso o desconforto de não estar inserido a inovação, fruto do crescimento tecnológico, ocasiona nas pessoas a sensação de exclusão e em decorrência disso, em muitas situações, o desejo de fazer parte dessa massa de usuários é com o intuito de adquirir a aceitação destes.

Em ferramentas como o Facebook e outros sites de rede social, as práticas sociais que influenciam as conexões (como, por exemplo, a necessidade de ter mais conexões ou a flexibilidade do conceito de «amigo») influenciam também os modos de espalhamento dos discursos entre os grupos sociais. (SILVA, 2012, p. 78).

Surge assim, um ciclo de usuários dependentes do Facebook, cada um com seus motivos: divulgar um produto, transmitir e adquirir informações que ultrapassem barreiras físicas e geográficas, exibicionismo público, seguir pessoas famosas, se informar a respeito da vida das pessoas, conhecer pessoas novas, ser aceito em um grupo, divulgar um evento, e etc, mas todos eles produzem sentido daquilo que vê e projetam isso nas suas vidas, isso ocorre porque as pessoas tem a possibilidade de se relacionarem umas com as outras, construindo momentos de conflitos e interesses particulares.

“Vale ressaltar ainda que a rede somente cresce ou se apropria dessa capacidade ilimitada de expansão quando as pessoas que as compõe se comunicam e interagem trocando informações, gerando conhecimento de forma a agregarem valores umas as outras”. (SILVA, 2012, p.25).

O surgimento dessa sociedade da informação se deu a partir do momento em que a economia e a tecnologia cresceram de tal maneira que a comunicação interpessoal das pessoas tornou-se cada vez mais digital, contrariando a maneira pessoal utilizada em outros contextos históricos.

Desse modo, já se espera que com o crescimento do capitalismo industrial junto a essas novidades digitais, como no caso do Facebook que ocasionou uma notável afetação nas pessoas, surja então, o interesse e a atenção das empresas por essa inovação que através dos seus recursos pode transmitir ao público utilizador diversas propagandas de seus produtos e consequentemente uma maneira de aumentarem seus lucros através dessa publicidade gratuita.

Entretanto, com o crescimento dessa era digital predominou-se um comportamento entre os indivíduos que já não se trata apenas do consumo materialista decorrente do capitalismo industrial, difundido nas mídias sociais e que é bastante discutido por alguns estudiosos; mas surge aqui uma nova forma de afetação, por exemplo, o controle das sensações por meio de imagens previamente direcionadas, ou seja: a partir da visualização das mesmas, as pessoas podem ter seus pensamentos moldados para algo determinado, induzindo modos de ver a vida.

Essa troca de sentimentos ocorre em muitos momentos do uso da ferramenta digital, em grande parte por meio de fotos e frases compartilhadas em inúmeras vezes e/ou curtidas pelos usuários.

Os sites de rede social tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem essas redes, mas influenciam sua construção e com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos (RECUERO, 2011 apud SILVA, 2012, p.39).

Partindo dessas informações sobre o Facebook, é relevante pensar na questão das imagens de crianças que são vinculadas nesta rede social, visto que a linguagem visual é uma modalidade de comunicação bastante utilizada em todo o mundo e que carrega consigo intenções pré-determinadas pelo autor.

Dessa forma, é possível se conceber modos de ver a infância através do Facebook que vincula imagens de crianças em determinadas situações cotidianas: imitando adultos com relação à postura, vestimenta, profissões, preocupações, ou imagens em que crianças se colocam em situações engraçadas ou tristes, enfim, a partir dessas ilustrações,

intencionalmente ou não, é possível a indução de determinados tipos de sentimentos nos usuários do site, sentimentos estes, que os levam a pensar a infância da maneira que a sociedade almeja e planeja, traçando caminhos para ela e descrevendo-a.

Assim, se pensarmos a facilidade com que as pessoas possuem acessos aos meios de comunicação na contemporaneidade, há uma grande proporção de transmissão de sentidos por meio das imagens ligadas a infância despertando consigo visões de mundo.

CAPÍTULO 3: CULTURA DA IMAGEM DA CRIANÇA NA ATUALIDADE.

Concepção da infância no Facebook.

A infância verdadeiramente é uma fase especial da vida que embora seja significativamente um período determinado biologicamente, está inserida em um mundo próprio cheio de mistérios e surpresas e desse modo não se pode prever ou afirmar sua essência. A criança é capaz de construir percursos inimagináveis e isso ocorre através do contato com as diversas possibilidades de instrumentos. Uma folha de papel é apenas uma folha de papel para um adulto, mas para uma criança não há limites para a reinvenção do novo.

FIGURA 1: Crianças brincando.



Fonte: disponível em: www.facebook.com.br> acesso em 20 nov. 2014.

Quando falamos em cultura da criança ou da infância, podemos nos remeter a um autor, Walter Benjamin (1984), que descreveu de forma admirável a infância, a criança e os brinquedos, sob seus pontos de vista; para ele a criança se atrai pelos destroços, pelas coisas miúdas, por retalhos, por restos, e não necessariamente com o intuito de imitar um adulto, mas sim a partir disso ela construirá seus próprios mundos, mundos pequenos que se inserem em mundos maiores.

Em primeiro lugar, a certeza de que a criança é o pai do homem, a consciência de que a roda do destino começa a girar muito cedo, e num estalo fixa as chaves-mestras de nossa existência – hábitos, valores, desejos, afetos, inclinações eróticas, tendências espirituais etc. (BENJAMIN, 1984, p 11).

Em contrapartida, a preocupação em se imobilizar a infância, de desvendar o que ela tem de subjetivo é uma insistente busca no decorrer dos contextos históricos e em cada um desses períodos a infância foi questionada e revirada, chegando-se a uma conclusão sobre ela.

Atualmente o que está trazendo ou construindo uma nova concepção da infância são as redes sociais, especificamente o Facebook, e isso, como foi falado no capítulo anterior, possui uma relação com as imagens que são compartilhadas através das suas múltiplas ferramentas e recursos de divulgação.

É por meio dessas imagens que o adulto busca identificar aquilo que faz parte das visões de mundo já existente com ele, o que é ditado como correto ou adequado para a vida, e nessa lógica se cria uma concepção de infância para a atualidade.

Conforme Schérer (2009) os adultos não se interessam em compreender o lugar da criança ou suas experiências, mas sim já constroem milhares de sentidos e afirmam análises super elaboradas; é criada uma criança universal.

Existem posições favoráveis e contrárias à utilização da imagem da criança no Facebook e conseqüentemente da própria infância. Alguns acreditam que utilizar a imagem da criança para expor os mais diversos fatos da sociedade, tendo em vista que a imagem se trata de uma criança, um ser visto como puro e indefeso, atrai uma maior atenção e notoriedade para o fato, sendo assim, um ponto positivo para dialogar as questões em foco.

FIGURA 2: Opinião sobre a copa do mundo.



Fonte: disponível em: <https://www.facebook.com/memescouts?fref=ts> > Acesso em: 05 dez. 2014.

Outros, os contrários, acreditam que isso denigre a imagem da criança e o sentimento de infância, pois além de utilizar a imagem da criança para formular regras fixas sobre o que é a infância, é possível a venda de moldes de estilos/tipos de vida, o que vai além de se vender um produto ao consumidor.

E é nesse posicionamento que vamos nos aprofundar, pois é uma visão que ultrapassa a mera utilização da imagem de uma criança para embasar um discurso, esta por sua vez, vê além do que se observa na dimensão estética, pois em uma imagem há inúmeras interpretações de mundo e é permitido experimentar esse entorno.

Essa é a era da mídia visual e as consequências disso é que as pessoas estão a todo o momento conectadas a ela, sedentas de mais informações e diferentemente da antiguidade, idade média e modernidade, a contemporaneidade abraça a criança levando-a a notoriedade extrema, alvo importante para o capitalismo que Leite (2011) atribuiu a um capitalismo avançado, denominado de Capitalismo estético, que não se detém na venda de um produto ou mercadoria, mas também na divulgação de um modelo pré-determinado de vida e opinião.

Seguindo esta ótica, as imagens divulgadas no Facebook são previamente controladas por um sentimento: uma imagem que contenha uma criança aparentemente em uma situação engraçada, por exemplo, levará o público a dar risada, não existe um além disso, pois é realizada nesse exato momento uma conexão com a vida de cada um, ou seja, com aquilo que o mundo afirma ser.

FIGURA 3: Indignação sobre a foto não ser “curtida”.



Fonte: disponível em: <https://www.facebook.com/memescouts/?fref=ts> > Acesso em: 05 dez. 2014.

Já não se trata tanto de tornar os corpos dóceis para a produção de produtos industrializados e para a reprodução de uma dada ordem social, mas de fazer coincidir consumo e forma de vida. O que o capitalismo vende são serviços e o que ele compra são modos de ser. O marketing será então o conjunto de estratégias que permite tornar produto uma forma de vida e, em via inversa, transformar formas de vida em produtos. (BRASIL, 2008, p. 83).

A utilização das imagens envolvendo crianças no Facebook pode se relacionar a outros conceitos além do capitalismo estético, como o conceito de biopolítica, descrito por Michel Foucault na década de 1970, onde ele afirma que através da sociedade moderna houve a necessidade de se instaurar mecanismos de poder que disciplinasse os corpos dos indivíduos para garantir o crescimento econômico, a biopolítica, termo criado por Foucault, se preocupa com os processos biológicos associados ao homem. O poder descrito pelo autor, não está ligado apenas ao Estado, mas, de acordo com ele existe uma rede com muitos outros poderes, entre eles o da tecnologia, nesse caso, o Facebook está inserido nesse patamar.

Descrever todos esses fenômenos do poder como dependentes do aparato estatal significa compreendê-los como essencialmente repressivos: o exército como poder de morte, polícia e justiça como instâncias punitivas, etc. Eu não quero dizer que o Estado não é importante; o que quero dizer é que as relações de poder e, conseqüentemente, sua análise se estendem além dos limites do Estado. Em dois sentidos: em primeiro lugar, por que o Estado, com toda a onipotência do seu aparato, está longe de ser capaz de ocupar todo o campo de reais relações de poder, e principalmente porque o Estado apenas pode operar com base em outras relações de poder já existentes. O Estado é a superestrutura em relação à toda uma série de redes de poder que investem o corpo, sexualidade, família, parentesco, conhecimento, tecnologia, etc. (FOUCAULT, 1980, p.182).

Leite (2011) fala também sobre a biopolítica de Foucault, e descreve o que poderia ser este conceito sob sua ótica.

O conceito em si poderia ser apresentado como controle da vida, uma irrupção da naturalidade da espécie no interior da artificialidade política de uma relação de poder. Ou ainda do ingresso da vida nua no domínio da vida qualitativa, da vida em comunidade, da vida política. (LEITE, 2011, p. 81).

Portanto, a noção de infância que se gera por meio dessas imagens compartilhadas no Facebook, deixa claro a relação de poder entre o adulto e a criança,

pois a todo o momento há a necessidade de se moldar as crianças para a formação de um futuro adulto, ou seja, deixá-la pronta para a vida. É nessa reflexão que se nota que o caminho pelo qual a infância passou no decorrer do tempo, com suas inúmeras concepções e estudos relacionados a ela, não mudou tanto na contemporaneidade, pois o objetivo continua sendo o mesmo: lançar um olhar afirmativo e conclusivo sobre a criança.

A infância precisa ser retirada desse lugar fixo e isso se dá através da permissão de novos olhares para tal, a imagem que circula no Facebook possibilita essa ação, a partir do momento que o internauta se deixa tocar pelo mundo das crianças, passa a acreditar em novas possibilidades, sai do molde que o mundo capitalista o coloca, e se abre para novas reflexões e ideias, enfim, é preciso experimentar.

Schérer (2009) diz que em vez de se procurar o que é a criança? Devemos pensar em outra pergunta, como: qual a sua posição, seu lugar? O autor utiliza o termo *devir-criança* para designar essa ação de reeducar o olhar, de mergulhar no universo das crianças. Experimentar é isso, um proceder sem certezas.

FIGURA 4: Crianças brincando.



Fonte: disponível em <https://www.facebook.com> >Acesso em 15 nov. 2014.

Segundo Leite (2010 apud AGABEM, 2005) A modernidade nos tirou muito dessa vontade de experimentar, os indivíduos estão cada vez mais insensíveis e fechados, assim, a criança ao quebrar algo reinventa, mas quebra também algo em nós adultos, colocando-nos diante da nossa incompletude, alguns não suportam isso, apenas aqueles que tem uma criança interna conseguem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Podemos notar que a concepção do termo infância recebeu diferentes visibilidades ao longo do tempo. Na Antiguidade, havia a ideia de que a criança seria um ser irracional. Na Idade Média, a criança sofria com as condições demográficas da época, a morte era natural e a partir do momento que conseguisse sobreviver às doenças era tida como adulto.

Na Idade Moderna, recebendo influência da igreja no século XVII, o progresso do fenômeno infância se iniciou, pois a igreja afirmava que as crianças deveriam receber cuidados e adicionalmente, no século XVIII, o avanço da indústria e a burguesia deram notoriedade às questões relacionadas ao comportamento das crianças. Com o movimento Iluminista a infância se inseriu nas mudanças que ocorreram, esta precisava de um responsável que dissesse a ela o que precisava fazer, disciplinando-a.

Na atualidade, a criança passou a ter grande inserção na sociedade, e muitas vezes acaba sendo o foco das discussões. O avanço tecnológico e da economia passaram a tratar essa fase da vida com maior importância na medida em que ela também possibilita o consumismo comercial. Porém, já não basta utilizar a criança e automaticamente da infância para atrair o consumo de determinados produtos, há a necessidade por parte do capital em vender formas de viver, de modo que o meio visual é o caminho pelo qual se dá essa nova vertente de capitalismo, o chamado capitalismo estético.

O Facebook, criado em 2004 por Mark Zuckerberg, a princípio tinha como usuários da rede apenas os estudantes da Universidade de Harvard, no EUA, mas aos poucos foi ganhando visibilidade e notoriedade, recebendo novos membros e atualmente o web site se tornou popularmente difundido no mundo todo.

Assim, a veiculação da imagem de crianças no Facebook, possibilita a troca de visões de mundo de milhares de pessoas através dessas imagens, desse modo, a atuação do adulto que divulga essas imagens narra a infância afirmando respostas para questionamentos, com: o que a criança representa, o que ela está fazendo, o que ela sabe, quais os seus limites e etc.

Entretanto, com essa atitude se costura ou se molda a infância para o contexto atual e isso é levado para nossas relações diárias com a própria criança, o propósito sempre foi o de tirar a criança do seu mundo de criança e torná-la um adulto o mais rápido possível, impedindo que a criança desfrute da magia da sua infância, de criar seus mundos e recriar o que é tido como real. Exemplo: quando uma criança se suja com algo, de imediato o adulto

relaciona essa situação a um acidente ou a uma falta de cuidado e desatenção da criança, mas se deixarmos de lado essa visão fechada poderemos viajar no mundo infante, pois há milhares de possíveis experiências para se viver por meio da ação desses seres tão misteriosos e encantadores que são as crianças.

Assim, não existe um modelo que responda todos esses questionamentos sobre a infância, pois a mesma não é um fenômeno universal, a infância que foi captada nessas imagens não é capaz de passar ao internauta e usuário do Facebook as suas subjetividades com apenas uma visualizada, essa infância representada pela figura da criança, possui infinitas possibilidades de ser, agir ou sentir, as ferramentas digitais são capazes apenas de entregar por vias de conexão determinada imagem, não mostra o vasto caminho da infância.

Para que isso ocorra é preciso ir além da imagem, é necessário se abrir ao inimaginável ao novo, e deixar de lado convicções fúteis e previstas a respeito da infância. Não é uma tarefa fácil, pois os indivíduos estão cada vez mais sobrecarregados e soterrados pelos veículos de poder, como no caso das redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

LEITE, C. D. P. **Infância experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

LARROSA, J.; KOHAN, W. O. **A invenção da infância: entre as Luzes e o Iluminismo, a criança**. Belo Horizonte: Autentica 2009.

MULLER, F.; HASSEN, M. D. N. A. **A Infância pesquisada**. São Paulo, 2009. Pesquisa de doutorado. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo_2>. Acesso em: 4 novembro 2014.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas II. **Rua de mão única**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREITAS, M. C. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem.

In:_____.(Org.). **Historia social da infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 19-53.

AGOSTINHO, S. A infância. In:_____.(Org.). **Confissões**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. p. 23-44.

KRAMER, S. Infância e sociedade: o conceito de infância. In:_____.(Org.). **A política do pré-escolar no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1992. p. 15-37.

KOHAN, W. O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

ARIÉS, P. **Historia Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ROUSSEAU, J. J. Livro I. In:_____. (Org). **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 3-59.

LEITE, C. D. P. **Imagens como epigrafe: imagens lúdicas de experiência infantil**, Rio Claro, p. 1-7.

PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. **O desejo de sabedoria e a Paidéia justa em Platão**, Marília, p. 35-57.

GAGNEBIN, J. M. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI, J. P. (Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 83-100.

RENÉ, Sherer. **Infantis: Charles Fourier e a infância par além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne M. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MEZRICH, B. **Bilionários por acaso: Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição**. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2011.

SILVA, A. P. D. S. **Comunicação organizacional em tempo de redes sociais: natura no Facebook**. 2011. 170 f. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2011.